



60

## ***O Estranho Caso de um Católico Inglês***

Nem todos os católicos são enfadonhos: a prova disso é G. K. Chesterton. Imaginava ter este autor caído no esquecimento, mas, pelos vistos, enganava-me. Ele aí está de novo, remoçado e em óptima tradução da sua biografia intelectual, *Ortodoxia*. Quando a encontrei não resisti a ver como, passados cinquenta anos, reagiria ao seu contacto. Hoje, como ontem, rendi-me à sua prosa.

**E**xcepto nos países totalitários, a dissidência é um prazer. Segundo a mais simples fórmula matemática, a dupla dissidência dá o dobro do gozo. Ora, no Reino Unido, a opção pelo catolicismo representa um gesto de rebeldia não só em relação à Igreja como ao Estado. Depois de, no século XVI, Isabel I ter declarado serem os católicos um bando de hereéticos, o destino desta confissão passou por várias etapas, da condenação à morte à tolerância e, por fim, à glamorização. Hoje, ser-se católico no Reino Unido é chique. Quando, em 1922, G. K. Chesterton aderiu à Igreja Católica (muitos anos depois de ter escrito este livro) já não se decapitavam os crentes no poder papal, mas não existia ainda a vaga de conversões recentes, de que a mais famosa é a de Tony Blair.

Esqueçam os seus livros mais populares, *Father Brown* e *The Napoleon of Notting Hill*, e concentrem-se na *Ortodoxia*, a sua

biografia intelectual (Lisboa, Aletheia, 2008, tradução da versão original de 1908). É verdade que também escreveu uma obra intitulada *Autobiography* (Londres, Hamish Hamilton, 1936), mas não se lhe compara em qualidade. Nesta, que começa bem, G. K. Chesterton tentou falar da sua vida, mas nada lhe interessando menos do que o ego, não tarda em divagar.

Chesterton era um radical que odiava os privilégios dos ricos e o poder do Estado, sentimentos que nunca renegaria. O previsível teria sido optar, como o seu amigo Bernard Shaw, pelo socialismo, mas não foi isso que fez, encaminhando-se gradualmente para o cristianismo e, mais tarde, para o catolicismo. Como sucederia com Orwell, o que lhe importava era o concreto, não um qualquer esquema destinado a salvar a Humanidade. Como Orwell ainda, sentia-se mal entre os intelectuais do seu tempo e, como Orwell, valorizava a tradição. Dito isto, os seus caminhos divergiram. Por-



que, na vida de G. K. Chesterton, irrompeu o divino.

Eis como conta a sua conversão (pág. 119): “Até essa altura, tudo quanto tinha ouvido dizer acerca da teologia cristã me afastara dela. Aos doze anos, era pagão, aos dezasseis era completamente agnóstico; e não consigo conceber que uma pessoa passe pelos dezassete anos sem ter feito a si mesma pergunta tão simples. Mantinha, é certo, uma nebulosa reverência por uma divindade cósmica, a par de um enorme interesse histórico pelo fundador do cristianismo. Mas não tinha dúvida nenhuma em O considerar um homem - embora talvez achasse que, mesmo assim, Ele tinha algumas vantagens relativamente a alguns pensadores modernos que O criticavam”. Reparem no que vem a seguir: “Li a literatura científica e céptica do meu tempo, ou pelo menos toda a literatura que consegui encontrar em inglês (...). Não li uma linha que fosse de apologética cristã; actualmente, leio o mínimo que posso. Foram Huxley, Herbert Spencer e Bradlaugh que me fizeram regressar à teologia ortodoxa, por me terem semeado no espírito as primeiras dúvidas terríveis que eu tive acerca da dúvida”. Em resumo, a sua conversão foi a forma como ele reagiu à arrogância, limitação e estupidéz dos positivistas do seu tempo. Nascido em 1874, foi sempre um inconformista.

Em resposta aos cínicos que faziam troça do seu idealismo, diz (pág. 61/2): “O que de facto aconteceu foi exactamente o oposto do que eles tinham previsto. Afirmavam eles que eu havia de largar os meus ideais e de começar pragmaticamente a acreditar no funcionamento da política. Ora, a verdade é que eu não abandonei minimamente os meus ideais; a verdade é que a fé que deposito nas questões fundamentais permanece intacta. Aquilo que abandonei foi a fé infantil na pragmática política. (...) Continuo a acreditar no liberalismo, tanto como sempre acreditei, mais do que sempre acreditei. Embora seja certo que o período de dourada inocência em que acreditei nos liberais já passou”. Algumas páginas depois, argumentava a favor da tradição (pág. 63): “Mas há uma coisa que, desde a minha juventude, nunca consegui compreender: onde foram as pessoas buscar a ideia de que a democracia se opõe, seja de que maneira for, à tradição? Pois é óbvio que a tradição mais não é do que um prolongamento da democracia no tempo”.

### PROFETAS DA DESGRAÇA

Muitos apologistas cristãos são gente melancólica. Não é esse o caso de Chesterton, um optimista feito a pulso. Note-se como olha a realidade (pág. 89): “Porque o universo é uma jóia e, embora seja uma metáfora comum afirmar que as jóias são incomparáveis e preciosas, no caso destas jóias isso é literalmente verdade. Este cosmos é efectivamente sem par e sem preço, porque não pode haver mais nenhum como ele”. Odiou sempre os profetas da desgraça (pág. 100): “Bem sei que este [o pessimismo] é o sentimento predominante na época em que vivemos e parece-me que este sentimento gela a nossa época. Tendo em consideração os titânicos

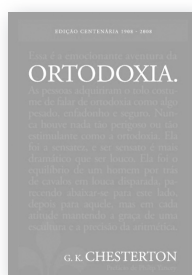
objectivos de fé e de revolução que nos movem, aquilo de que nós precisamos não é da fria aceitação do mundo, que afinal mais não é do que uma enorme cedência; precisamos é de encontrar maneira de o amar de todo o coração e de o detestar de todo o coração”. Para quem não o tivesse compreendido, explicava: “Não queremos que a alegria e a dor se neutralizem mutuamente, produzindo um contentamento enfadado; queremos sentir um prazer mais acentuado, mas também uma dor mais acentuada”.

Em jovem, Chesterton sofrera uma depressão, revelando como a superara: “E, a partir do momento em que se deu essa inversão [do pessimismo para o optimismo], eu tive aquela sensação de libertação abrupta que se tem quando um osso deslocado é novamente posto na respectiva cavidade natural. (...) Mas o optimismo do meu tempo era, todo ele, falso e desencorajador, porque se esforçava por demonstrar que nós nos adaptamos a este mundo. Ora, o optimismo cristão assenta no facto de que nós não nos adaptamos a este mundo”. Poucos falavam assim.

Este livro é uma tentativa para nos convencer que o credo racionalista é deficiente (pág. 195): “O cristianismo é a única religião do mundo que achou que a onnipotência tornava Deus incompleto. O cristianismo é a única religião que achou que Deus, para ser totalmente divino, tinha de ser um rebelde, para além de ser um rei”. Para ele, Cristo é subversivo, não um aliado da Ordem. Mais adiante (pág. 201) dissertará sobre as vantagens do cristianismo, a que chama ortodoxia: “Se queremos derrubar o opressor próspero, não é com a ajuda da nova doutrina da perfectibilidade humana que conseguiremos fazê-lo; mas seremos capazes de o fazer com o auxílio da velha doutrina do pecado original. Se queremos extirpar crueldades inerentes ou animar populações decaídas, não é com o auxílio da teoria científica segundo a qual a matéria precede o espírito que conseguiremos fazê-lo; mas seremos capazes de o fazer com o auxílio da teoria sobrenatural segundo a qual o espírito precede a matéria”.

G. K. Chesterton insiste, o que é curioso, no facto de ter aderido ao cristianismo não devido a um chamamento superior, mas através de métodos racionais (pág. 213): “Discuti em pormenor estes casos típicos de dúvida, a fim de transmitir a tese principal: que é por motivos racionais, embora não seja por razões simples, que adiro ao cristianismo. Consistem esses motivos numa acumulação de factos diversos, que é também aquilo que justifica a atitude do agnóstico comum. Acontece, porém, que o agnóstico percebeu tudo mal”. Vem, depois, a secção mais polémica: “Ele [o agnóstico] é descrente por uma série de razões - todas elas falsas. Ele duvida porque a Idade Média foi uma idade bárbara, quando a verdade é que não foi; porque o darwinismo está provado, quando a verdade é que não está; porque não há milagres, quando a verdade é que há; porque os monges são preguiçosos, quando a verdade é que eram diligentes; porque as freiras são infelizes, quando a verdade é que são particularmente alegres; porque a arte cristã era triste e apagada,

*O previsível teria sido optar, como o seu amigo Bernard Shaw, pelo socialismo, mas não foi isso que fez, encaminhando-se gradualmente para o cristianismo e, mais tarde, para o catolicismo. Como sucederia com Orwell, o que lhe importava era o concreto, não um qualquer esquema destinado a salvar a Humanidade*



**Ortodoxia**  
**G. K. Chesterton**  
Alêtheia Editores, 2008 [1908]

quando a verdade é que era feita de cores berrantes e recoberta a ouro; porque a ciência moderna está a afastar-se do sobrenatural, quando a verdade é que não está, está a aproximar-se do sobrenatural à velocidade de um comboio rápido". Muito do que afirma é um disparate, mas isso não me impede de gostar de o ler.

### O MUNDO SERIA MAIS TRISTE?

Quase no final, G. K. Chesterton tenta responder à pergunta que muitos fazem, no sentido de saber se não podemos ficar com o que de bom existe na doutrina cristã, deitando borda fora os dogmas. Depois de se ter declarado, mais uma vez, um racionalista, aborda a tese de que, com a religião, o mundo teria ficado mais triste, negando-a: "Os países europeus que ainda se encontram sob a influência dos sacerdotes são exactamente aqueles países onde ainda se canta, se dança, se envergam roupas coloridas e se praticam as artes ao ar livre. A doutrina e a disciplina católicas poderão ser muros; mas são muros de um parque de diversões".

Dou de barato que os países em que o calvinismo foi dominante são mais sombrios do que os que optaram pelo catolicismo, mas é preciso não adotar o que acontecia nos países latinos. Basta pensar em Portugal. Exceptuando W. Beckford, que, no século XVIII, apreciou uma missa a que assistiu na capela das Necessidades, sobretudo pelo seu luxo, raramente um estrangeiro louvou o que viu. A maioria era protestante, mas isto não invalida todas as observações. Escolho um extracto, ao acaso, retirado do livro de W. M. Kinsey, um clérigo que visitou Portugal em 1828: "Se as cerimónias da Igreja Católica não conduzissem a mais do que a um divertimento ino-

*Se queremos  
derrubar  
o opressor  
próspero,  
não é com a  
ajuda da nova  
doutrina da  
perfectibilidade  
humana que  
conseguiremos  
fazê-lo; mas  
seremos capazes  
de o fazer com o  
auxílio da velha  
doutrina do  
pecado original*

cente dos seus aderentes, tudo estaria bem; mas essa faceta é, infelizmente, aquilo que podemos considerar a poesia do sistema. A triste realidade encontra-se na tirania dos confissãoários, nas arrogantes extorsões e nas exigências anticristãs do poder papal". Foi isto que G. K. Chesterton não quis reconhecer.

Na realidade não conhecia, por dentro, os países onde a Igreja Católica era dominante. Lembrando a sua Irlanda natal, Bernard Shaw avisou-o do perigo de continuar a fazer extrapolações a partir do que se passava em Inglaterra, mas aquele não o quis ouvir. Não sei o que teria escrito caso tivesse visitado Portugal, mas sei o que eu vi e vivi. A tal ponto era aqui a Igreja Católica dominante que, até aos meus 15 anos, pensava ser a única em todo o planeta. Na escola, na família, nas ruas, jamais vislumbrei alguém que professasse outra religião. Estou consciente de que o meu caso - tendo ingressado num colégio de freiras aos três anos só dele saíria aos dezassete - não é generalizável, mas sei que muita gente nascida, como eu, na década de 1940, terá passado por uma experiência semelhante. Na redoma em que o cardeal Cerejeira, o arcebispo de Mitilene e a minha mãe me enclausuraram não entravam correntes de ar.

Só em 1962, quando vivi em Londres durante alguns meses, descobri que existiam protestantes, judeus e muçulmanos. Poderia ter aproveitado para aderir ao anglicanismo - isso, sim, um gesto original -, mas, uma vez que estava em rota de colisão com Deus, o melhor, concluí, era deixar de pensar n'Ele.

Quando regresssei à pátria, continuei a ler os livros que havia lá por casa. À mistura com obras que sabia interditas, como as de André Gide, Oscar Wilde e Bertrand Russell, compradas com a minha "semanada", lia o que estava nas estantes da sala. Apesar de católica, a minha mãe era inteligente, não se contentando em dirigir a lida da casa. Em grande medida, a minha iniciação literária foi feita à base dos escritores que ela admirava, A. J. Cronin, François Mauriac e G. K. Chesterton. Do primeiro, pouco me ficou, além de um punhado de mineiros; do segundo, umas velhas provincianas; G.K. Chesterton saiu vitorioso. Reli a sua *Ortodoxia* com prazer. Estou certa que a outros, católicos ou ateus, acontecerá o mesmo. Não deixe que o livro se perca entre as capas que efemeramente ornamentam as estantes das nossas livrarias. ●

